



Herdade da Galeana

hino à natureza;
paixão pelo toiro bravo

Numa propriedade alentejana de perto de 1000 hectares, encontra-se, desde 1944, uma das ganadarias portuguesas mais prestigiadas nacional e internacionalmente – a ganadaria Murteira Grave. Há 15 anos liderada por Joaquim Grave, tem vindo, após momentos mais difíceis, a recuperar o seu lugar de destaque, arrebatando vários prémios em Portugal e Espanha. Para este sucesso contribui certamente a paixão e entrega que o ganadero imprime à atividade, a que se dedica totalmente.



A raia a fronteira com o país de *nuestros hermanos*, em Granja, Mourão, Alentejo, encontramos a bela herdade da Galeana – nome de princesa árabe que diz a lenda se encantou por um aristocrata nórdico.

Nestes perto de 1000 hectares encontramos uma natureza resplandecente característica das paisagens alentejanas.

Em plena primavera, após um período de chuva abundante e depois de um inverno seco, revelam-se os tons verdejantes, pontuados de várias cores florais, sobressaindo o lilás da “Chupa mel”.

O espaço transporta-nos para a nossa intrínseca relação com a natureza, afastando-nos da urbanidade, da tecnologia e do stress. Ali, rede de telemóvel quase não entra e muito menos a internet. Somos nós e a terra. Nós e o perfume único que emana de um campo vibrante de flora e fauna únicas. Nós e os encantos de uma paisagem que transmite vida e tranquilidade.

Naquele campo de perder de vista, há um elemento que se destaca – um animal de beleza e porte únicos, que vive livre e ao sabor do seu ritmo e do que o *habitat* lhe proporciona – o toiro bravo. Um animal admirado pelo seu criador e proprietário daquelas terras.



Veterinário de formação, investigador de profissão e criador do toiro bravo por paixão, Joaquim Grave é um homem que se presente feliz e realizado por dedicar atualmente a sua vida àquele lugar e à (re)criação deste peculiar animal.

Herdou uma ganadaria de renome, que vinha atravessando um momento menos favorável. O objetivo foi imprimir o seu cunho pessoal e, 15 anos depois de assumir a função, conseguiu que a ganadaria entrasse num novo ciclo de sucesso. Nos anos mais recentes muitos têm sido os prémios que tem arrebatado no País e além-fronteiras.

Tal também foi o caso em Vila Franca de Xira, com um triunfo na Feira de Outubro do ano passado.

O Início

A Herdade da Galeana é o lugar que, há 74 anos, acolhe a ganadaria Murteira Grave. Joaquim Grave, o atual representante e proprietário, é neto do fundador, Manuel Joaquim Grave, e filho do homem que lhe deu nome e prestígio a partir de 1958, Joaquim Murteira Grave.

O início da ganadaria, em 1944, foi com reses compradas a José Lacerda Pinto Barreiros. Eram 25 vacas e um semental, ferradas com o selo “G”, de Grave, com procedência direta de Gamero Cívico (Parladé).

O neto pensa que na base da criação da ganadaria esteve a *afición* do avô. Conta que era um aficionado ortodoxo: “Ia à Feira de Sevilha quase todos os anos, quando ir a Sevilha era uma odisseia”. Mas sabe que o pai foi um grande impulsionador do empreendimento: “O meu pai é que o influenciou muito, numa altura em que estaria já na Universidade”.



*Toiro bravo nasce a monte
em seu folgado horizonte
ele julga sua sorte
mas um dia há-de chegar
em que terás de enfrentar
um desafio de morte*

*Assim ao entrares na praça
mostrarás nobreza e raça
imponente em teu valor
todo o teu orgulho encerra
o amor à tua terra
ao teu amo teu Senhor*

*Poema de Maria Tereza
(mãe de Joaquim Grave), 1987*



O grande artífice da ganadaria “Murteira Grave” é o meu pai

Após a morte do fundador, em 1955, a ganadaria anuncia-se com o nome dos seus herdeiros. Joaquim Murteira Grave passa a geri-la sozinho em 1958, ano em que compra o ferro atual (Espora) da *Unión de Criadores de Toros de Lúdia*, de Espanha. A aquisição do ferro a esta Associação dá-lhe o “passaporte” necessário para lidar naquele país.

Na impossibilidade de voltar a comprar a Pinto Barreiros, foi também a Espanha, comprar reses do mesmo encaste, para dar seguimento à ganadaria.

O atual gestor lembra-se do pai lhe dizer, era ele um cachopo, “vamos ser ganaderos à séria. Vamos a Espanha, compramos um ferro, compramos sementais, compramos vacas...”. E assim foi. “Lembro-me de ir a Sevilha com o meu pai comprarmos as primeiras vacas. Foram 12 novilhas e um semental - o Sargento, n.º 46. Foi aí que ele começou e me passou toda a inquietude de querer melhorar a investida dos toiros”.

As presenças da ganadaria por terras de Espanha começaram na década de 60. O auge da sua atividade foram os anos 80. Lidou-se “em todas as praças importantes do norte ao sul de Espanha”, refere Joaquim Grave.

Tem prémios de “Melhor Toiro” e “Melhor Corrida” em Madrid, Málaga, Bilbao, Pamplona. Houve “muitos prémios em praças importantes”. Também marcou presença na Feira de Santo Isidro, a feira mais importante de toiros que há. “Lidou-se lá muitos anos”, acrescenta o ganadero.

As duas praças que mais lidaram Murteira Grave foram Madrid (338 exemplares) e Évora, “a nossa terra”, com menos um ou dois. A última vez que lidou em Madrid foi em 2007.

Joaquim Grave salienta o grande trabalho que o pai realizou: “começou do zero e ainda hoje sinto o peso do seu nome, nomeadamente em Espanha. Essa é uma marca de muito valor”.

Murteira Grave hoje

Aos 80 anos, em 2002, Joaquim Murteira Grave decide parar a atividade de ganadero e fazer partilhas. Em outubro desse ano, a ganadaria é entregue a Joaquim Grave, que sempre teve fascínio pela atividade.

Quando se lhe pergunta que toiro é hoje o de Murteira Grave, começa por explicar que “uma ganadaria, para ter o nosso selo, têm de passar, pelo menos, 15 anos. Disse isso logo desde o primeiro ano. E, de facto, bate mais ou menos certo. Agora é que tenho toiros que são a minha escolha. Não são melhores, nem piores, são diferentes”.

Usando a expressão espanhola “El toro sale a su amo”, o que pretende de um toiro Grave é que, antes de ser bravo, seja um toiro, que pareça um toiro. “Que tenha harmonia, trapio; que imponha respeito; que seja um toiro sério. E depois, no comportamento, que seja bravo”. E quanto à bravura o ganadero sublinha que “para mim é um toiro que transmite emoção nas suas investidas. Tem que investir com raça, tem que transmitir essa raça.” No momento da seleção procura um animal que não passa de um lado para o outro só por passar. “O toiro tem que investir, que é diferente de passar. Porque, a um toiro que passa, o toureiro dá-lhe passes; mas a um toiro que investe, o toureiro tem que o dominar, que é diferente. Aí o toureiro tem que ter “mando” para levar o toiro para o trajeto que ele quer”.

Explica ainda que, na sua definição de bravura “o toiro tem que ser nobre, com ritmo, com raça, que repita, que humilhe e que dure tempo”.

Explicando não ser apenas nem pelo touro nem pelo toureiro, realça que procura um toiro que ponha todos de acordo. “Bom para o toureiro, porque lhe permite o êxito; bom para o ganadero porque investe com raça e emoção; bom para o público porque o diverte e, por tudo isto, bom para o empresário. É bom para toda a gente. É esse tipo de toiro que eu procuro”.



Temporada 2018

Na vida da ganadaria, sublinha que um dos momentos que mais aprecia é a divisão dos toiros para as corridas. “Quando chega Outubro e tenho os toiros de três anos todos juntos, é o momento de começar a dar farinha para os ter em boas condições para a temporada que se segue; é nessa altura que divido os toiros. Normalmente faço-o em três grupos: os toiros de 1.ª categoria, os de 2.ª e os de 3.ª, em função da morfologia deles”.

A genética também não é esquecida no momento de formar as corridas “para não pôr os ovos todos na mesma cesta. Divido aqueles em que tenho mais esperança, em função do semental. É dos momentos mais gratificantes para mim”, confidencia Joaquim Grave.

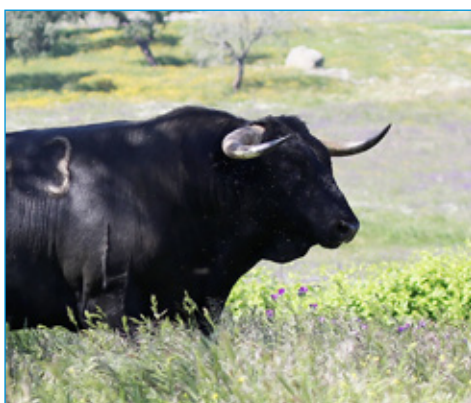
Para a temporada deste ano estão preparadas quatro corridas: duas para Portugal (Lisboa e Abiúl) e duas para Espanha (Tudela e Guadalajara).

Quatro corridas para uma temporada será escasso em termos económicos, mas prende-se com o facto de, o ano passado, se terem lidado muitos novilhos. “Quando são lidados em novilhos, depois não chegam a toiros”, explica Joaquim Grave.

Julho (Tudela), agosto (Abiúl e Lisboa) e setembro (Guadalajara) são os meses apontados para a entrada em arena, mas a preparação começa muitas semanas antes. “Os toiros que estão a preparar-se para as praças estão mais junto a casa (monte). Devem ser vigiados diariamente e mais de perto. A primeira coisa que faço todos os dias, quando me levanto, antes de tomar o pequeno almoço, é ir dar de comer aos toiros e assim aproveito para vê-los e averiguar se está tudo bem.”

Utilizo as viaturas para correr os toiros. “Não os corro com cavalos, porque como vendo muito toiro para Portugal, não quero criar nenhuma situação que seja semelhante ao que vão encontrar na arena. Corro-os três vezes por semana durante 10 minutos”.

Em plena primavera comem apenas erva. Quando secarem os pastos têm de comer farinha para terem o peso e porte necessários. Joaquim Grave refere que a maioria das ganadarias principais de Espanha, não criam o toiro assim. “Como têm que lidar logo nas Feiras no fim do Inverno, em março, charruam os cercados onde os toiros estão, só para que não comam erva. Comem apenas farinha com algo grosseiro, que é o que dá força ao toiro e o faz engordar mais rápido.



Receber pessoas para mostrar o que é o toiro bravo

A ganadaria Murteira Grave é das poucas no País que abre as suas portas para receber visitantes. O mentor da iniciativa foi Joaquim Grave, sob o olhar renitente do pai. Mas o atual representante da ganadaria sempre acreditou neste tipo de ações. “Acho este animal tão fantástico, tão fascinante, que deve ser conhecido pelo maior número de pessoas possível; além de que, pessoalmente, agrada-me receber pessoas”, justifica.

É o próprio ganadero que faz questão de se ocupar das visitas. “Faço todas como se fossem a primeira. Acho que ensinando a magia que tem este animal, posso ganhar algum aficionado. Pode ser ilusão, mas ficamos com essa impressão”.

Esta vertente, a que chama de “taurismo”, acontece de forma mais organizada há cerca de seis anos e com um investimento considerável. “Gastei aqui muito dinheiro para receber as pessoas da melhor maneira”. As visitas incluem um passeio pela herdade, visita à “sala de troféus” e um almoço exclusivamente confeccionado com ingredientes da região, num antigo celeiro, agora transformado em sala de visitas.

Uma corrida de toiros é a melhor metáfora da vida

A Tauromaquia nasce da guerra. Do treino do Homem com o toiro. Há quem defenda que os toiros bravos perduram na Península Ibérica porque aqui se esteve sete séculos em guerrilha com os Árabes e os nobres treinavam-se caçando toiros bravos. As corridas vêm do campo para a cidade, entrando nas praças de toiros no século XVIII.

Persistem passados mais de dois séculos e Joaquim Grave considera que “é um espetáculo que, no século XXI, não é parecido com nenhum outro”. Acrescenta que “a Tauromaquia se vai manter enquanto, na Praça, se defenderem valores que nós defendemos na rua: a solidariedade, a amizade, a coragem, a ética, o enfrentar os problemas de frente, o suplantar as dificuldades. Uma corrida de toiros é a melhor metáfora da vida. A vida também custa”, remata.

Para o ganadero o toiro representa o poder físico, a nobreza e a coragem. “Ser bravo, nobre e ter força. O Toiro tem essas qualidades que eu admiro e que me apaixonam”. Afirma que são esses fatores que o levam a uma praça, para além da investida do toiro. “Para o aficionado, entender um toiro é entender a sua investida”, explica.

Para além disso, considera que é uma fonte inesgotável de estética e de ética; artistas das mais variadas sensibilidades apaixonaram-se por este espetáculo.

Para Joaquim Grave, a vida é uma grande faena. “Vou a uma corrida de toiros basicamente por duas coisas: Para admirar a bravura de um toiro (algo que me emociona) e a valentia do homem. E a maneira como o homem suplanta as dificuldades que o toiro lhe põe é algo que me apaixonam”.

Texto: Susana Santos
Fotografia: Vitor Cartaxo
e Ganadaria “Murteira Grave”



Joaquim Grave refere que “o toiro tem uma vida pública que dura 20 minutos, numa arena; mas tem uma vida privada que são quatro ou cinco anos. E as pessoas só conhecem os 20 minutos. Eu gostava que as pessoas conhecessem a vida privada do toiro, que é muito interessante, e que ajuda depois a perceber a sua vida pública”.

Acredita que se deviam abrir mais portas das ganadarias, para que as pessoas conheçam melhor o toiro bravo. “Foi o que me levou a fazer isto, de uma forma muito romântica, reconheço”.

Romantismo à parte, a verdade é que, em 2016, recebeu mais de 1800 pessoas. O ano passado, cerca de 1550.

A grande maioria tem vindo de França, por intermédio de uma agência de viagens, mas também espanhóis e portugueses. Os interessados em fazê-lo devem utilizar os contactos no site de internet da ganadaria, em www.murteiragrave.com.pt.

